

## MOBILIZAÇÃO DO *PATHOS*: A SELEÇÃO LEXICAL PARA CONVENCER E/OU PERSUADIR<sup>1</sup>

## MOVILIZACIÓN DEL *PATHOS*: LA SELECCIÓN LÉXICA PARA CONVENCER Y/O PERSUADIR

Gláucia Peçanha Alves<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar, em uma notícia, a mobilização do *pathos* por meio da seleção lexical a fim de evidenciar os efeitos de sentido gerados a partir das construções discursivas que visam a convencer e/ou persuadir os leitores. Na fundamentação teórica, partiu-se do pressuposto de que a argumentação é uma dimensão inerente a todo o discurso e que pode, também, ser efetuada por meio do *pathos*, das emoções, das paixões, inclusive, em textos do gênero notícia, que se pretende neutro e busca expor um efeito discursivo de objetividade. Por essa razão, a abordagem a ser desenvolvida encontra suporte nos estudos de autores como Aristóteles (1998), Plantin (1996), Amossy (2007, 2011, 2020), Mosca (2004, 2006), Fiorin (2012, 2015), Antunes (2003, 2012) e outros. Metodologicamente, do ponto de vista de seus objetivos, realizou-se uma pesquisa exploratória, pois encontra-se em fase preliminar. E, do ponto de vista da abordagem, o trabalho é qualitativo, visto que tem por base a interpretação dos meios verbais que a argumentação mobiliza, a atribuição de significado e o pesquisador é o instrumento chave. O *corpus* é composto por uma notícia publicada no jornal “Diário de Pernambuco”, no ano de 2019, referente ao assassinato de uma criança. A análise permitiu constatar que a seleção dos itens lexicais, considerando os contextos sociocultural e situacional em que se encontram, pode mobilizar o *pathos* para convencer e/ou persuadir. E isso evidencia a força e o direcionamento argumentativo do discurso. Acredita-se que este artigo adquire relevância acadêmica por buscar refletir sobre os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical a serviço da argumentação, uma vez que itens lexicais são escolhidos com o propósito de suscitar emoções no interlocutor e, conseqüentemente, convencê-lo e/ou persuadi-

<sup>1</sup> Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) a concessão da bolsa de pesquisa, que possibilitou a realização deste artigo. Também agradeço aos pareceristas anônimos pelos comentários e sugestões. Eventuais lacunas ou imprecisões são de minha inteira responsabilidade.

<sup>2</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Linguística Textual e Ensino — Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Bacharela e licenciada em Letras Portugêses — Literaturas — Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Licenciada em Letras Portugêses — Espanhol — Literaturas — Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Professora de Língua Portuguesa do Instituto de Educação Governador Roberto Silveira — IEGRS/SEEDUC-RJ. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3226363350231799>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0928-9181> E-mail: [glaupecaanha@gmail.com](mailto:glaupecaanha@gmail.com)

lo. Ademais, contempla a análise de uma notícia, que, *a priori*, não se configura por um viés argumentativo, o que aponta para a necessidade da pesquisa.

**Palavras-chave:** argumentação; emoção; notícia.

**Resumen:** El presente artículo tiene como objetivo analizar, en una noticia, la movilización del *pathos* a través de la selección léxica para resaltar los efectos de sentido generados por las construcciones discursivas que buscan convencer y/o persuadir a los lectores. En la fundamentación teórica, partimos del supuesto de que la argumentación es una dimensión inherente a todo discurso y que también puede realizarse a través del *pathos*, de las emociones, de las pasiones, incluso en textos de género informativo, que pretende ser neutral y busca exponer un efecto discursivo de objetividad. Por ello, el enfoque a desarrollar encuentra apoyo en los estudios de autores como Aristóteles (1998), Plantin (1996), Amossy (2007, 2011, 2020), Mosca (2004, 2006), Fiorin (2012, 2015), Antunes (2003, 2012) y otros. Metodológicamente, desde el punto de vista de sus objetivos, se realizó una investigación exploratoria, por encontrarse en una fase preliminar. Y, desde el punto de vista del abordaje, el trabajo es cualitativo, pues se basa en la interpretación de los medios verbales que la argumentación moviliza, la atribución de sentido y el investigador es el instrumento clave. El *corpus* consta de una noticia publicada en el diario “Diário de Pernambuco”, en el año 2019, referente al asesinato de un niño. El análisis mostró que la selección de elementos léxicos, considerando los contextos sociocultural y situacional en los que se encuentran, puede movilizar el *pathos* para convencer y/o persuadir. Y esto demuestra la fuerza y la dirección argumentativa del discurso. Se cree que este artículo adquiere relevancia académica porque busca reflexionar sobre los efectos de sentido provocados por la selección léxica al servicio de la argumentación, ya que los elementos léxicos son elegidos con el fin de despertar emociones en el interlocutor y, en consecuencia, convencerlo y/o persuadirlo. Además, contempla el análisis de una noticia, que, *a priori*, no está configurado por una orientación argumentativa, lo que apunta la necesidad de investigar.

**Palabras clave:** argumentación; emoción; noticias.

## Introdução

A linguagem é necessária para o ser humano, pois, conforme afirma Geraldini (2010, p. 34), “[...] é condição *sine qua non* na apreensão e formação de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; ela é ainda a mais usual forma de encontro, desencontro e confronto de posições porque é através dela que estas posições se tornam públicas”. Por conseguinte, a língua é necessária também, visto que, ao usá-la, “[...] o homem realiza ações, age, atua sobre o interlocutor. Assim, a interação social por intermédio da língua, caracteriza-se, essencialmente pela argumentatividade” (KOCH, 2000, p. 19). Nesse sentido, a argumentatividade<sup>3</sup> é um aspecto constitutivo da linguagem humana. A argumentação é uma dimensão

<sup>3</sup> Em relação aos termos “argumentatividade” e “argumentação”, alguns autores fazem distinção. Para os que a fazem, este corresponde ao exercício da linguagem, de um modo mais amplo possível, e aquele está relacionado ao texto que tem uma visada argumentativa. Entretanto, aqui neste trabalho, estão em uma relação de sinonímia.

inerente a todo discurso, uma vez que, por meio dele, o homem busca convencer e/ou persuadir<sup>4</sup>.

Desse modo, assim como Reboul (1998, p. 1) defende que “[...] a retórica é anterior à sua história, e mesmo a qualquer história, pois é inconcebível que os homens não tenham utilizado a linguagem para persuadir [...]”, Moura e Mello (2008) delegam o mesmo caráter à argumentação. Os autores acreditam que “[...] assim como a retórica, a argumentação começou a ser praticada no instante em que o homem lançou mão da comunicação e da linguagem no mundo [...]” (MOURA; MELLO, 2008, p. 2).

Dessa forma, na construção da argumentação, há de se considerar todos os componentes envolvidos na interação discursiva, principalmente, o interlocutor<sup>5</sup>, uma vez que todo locutor, ao produzir seu texto, tem por objetivo atuar sobre o outro da conversação, na tentativa de convencê-lo e/ou persuadi-lo acerca de algo.

Neste trabalho, por exemplo, o objeto de estudo está diretamente relacionado ao interlocutor, uma vez que o objetivo deste artigo é analisar a mobilização do *pathos* por meio da seleção lexical a fim de evidenciar os efeitos de sentido provocados a partir das construções discursivas que visam a convencer e/ou persuadir os leitores.

Antes da publicação do *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a retórica de Aristóteles ficou relegada por um período considerável, pois seus opositores argumentavam que, de fato, as provas deveriam ser factuais. Os argumentos não deveriam suscitar as emoções (*pathos*), o raciocínio lógico (*logos*) é que deveria ser priorizado. Assim, estudiosos como, por exemplo, Angenot (2008 *apud* AMOSSY, 2020), que defendem as teorias da argumentação contra às paixões, entendem que a emoção não pode estar presente no raciocínio lógico e na interação argumentativa. Para esses autores, é o *logos* (discurso e razão) que importa. “A maior parte das teorias da argumentação tomaram partido contra a intromissão das emoções [...]” (AMOSSY, 2020, p. 201), pois “[...] teme-se a uma lógica das paixões que encerre os homens em convicções irracionais, tornando-os surdos aos argumentos do outro” (AMOSSY, 2020, p. 200).

<sup>4</sup> Sobre a diferença entre “convencer” e “persuadir”, conferir Abreu (2005), em *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. E Valente (2012), por exemplo, assevera que “no campo da Argumentação, faz-se necessário distinguir convencer de persuadir”. No entanto, alguns autores não fazem distinção entre esses termos. E outros, consideram persuasão sinônimo de argumentação.

<sup>5</sup> Os termos leitor, interlocutor, alocutário e auditório, neste trabalho, estão em uma relação sinonímica, mas nem sempre há uma correspondência entre alguns desses termos.

No entanto, como argumenta Amossy (2020, p. 206), “[...] não há, pois, nenhuma razão para ver na emoção uma interferência indevida. É nessa perspectiva que a argumentação no discurso se aplica em buscar na própria trama dos textos a imbricação constitutiva do *pathos* e do *logos*”. Assim, este trabalho defende o entendimento de que a argumentação pode, também, ser efetuada por meio do *pathos*, das emoções, das paixões, inclusive em textos do gênero notícia, que se pretende neutro e busca expor um efeito discursivo de objetividade.

Outrossim, acredita-se que este artigo adquire relevância acadêmica por apresentar uma discussão teórico-analítica pertinente aos estudos da linguagem, sobretudo, aos preceitos da argumentação, uma vez que a proposição expõe que elementos textuais, os itens lexicais, podem suscitar emoções no interlocutor. Dessa forma, busca-se refletir sobre os efeitos de sentido provocados pela seleção lexical, visto que, este trabalho parte do pressuposto de que o locutor não se isenta de comprometimento com o que escreve/fala, pois ele se posiciona por meio de suas escolhas lexicais, as quais regulam a intencionalidade e os propósitos argumentativos presentes nos textos. Ademais, ainda contempla a análise de uma notícia, gênero textual discursivo que, *a priori*, não se configura por um viés argumentativo, para abordar a temática da argumentação, ou seja, atesta-se a necessidade de pesquisa.

Para além desta introdução, o presente artigo está organizado da seguinte forma: na segunda seção, há os pressupostos teóricos que embasam o trabalho; na terceira, apresenta-se o procedimento metodológico adotado para a realização da análise; na quarta, há a análise da notícia selecionada como objeto de estudo; e, na quinta, apresentam-se as considerações finais. Por fim, são expostas as referências usadas neste artigo.

### **Argumentação: a relevância da seleção lexical na mobilização do *pathos***

O ser humano, para conseguir seus objetivos, vale-se, prioritariamente, de textos argumentativos, sobretudo, busca-se interagir, pois “[...] por ser gregário, quer quase sempre agir sobre outro; tenta convencê-lo ou intenta persuadi-lo. De Aristóteles e Kant a Perelman/Olbrechts-Tyteca e Othon M. Garcia, *convencer e persuadir* são aspectos indispensáveis do argumentar” (VALENTE, 2012, p. 45).

O ato de argumentar é inerente ao uso da linguagem, é um processo inato das práticas sociais. Segundo Plantin (1996, p. 18), “[...] todo discurso é necessariamente argumentativo. É um resultado concreto da enunciação em situação”<sup>6</sup>. Fiorin (2015) concorda que todos os discursos são argumentativos e explica que “[...] na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos, pois todos eles fazem parte de uma controvérsia, refutando, apoiando, contestando, sustentando, contradizendo um dado posicionamento”, ou seja, todo discurso é sempre “[...] uma reação responsiva a outro discurso [...]” (FIORIN, 2015, p. 29).

Maingueneau (2011), assim como Plantin (1996), enfatiza a questão da enunciação na análise da argumentação. O autor expõe que “[...] não poderíamos, portanto, estabelecer o texto como um conteúdo independente das condições de sua enunciação, nem reduzir a argumentação ao estatuto de meio a serviço de uma persuasão.” (MAINGUENEAU, 2011, p. 85).

Essa exposição evidencia duas perspectivas da argumentação: “intenção argumentativa” e “dimensão argumentativa”. De acordo com Amossy (2011), a primeira constitui-se em uma estratégia de persuasão programada e a segunda corresponde à tendência que todo discurso tem de orientar os modos de ver do(s) parceiro(s).

Na “intenção argumentativa”, o locutor apresenta uma tese (de modo formal), defende seu ponto de vista apresentando argumentos (formais), a fim de sustentar a tese apresentada como, por exemplo, no discurso eleitoral ou no anúncio publicitário. “Quando há a intenção, o discurso escolhe uma ou mais modalidades argumentativas – uma estrutura de troca particular que permite o bom funcionamento da estratégia de persuasão” (AMOSSY, 2011, p. 131).

Já na “dimensão argumentativa”, a argumentatividade é vista como inerente ao discurso. E não há uma intenção explícita de persuasão, isto é, “[...] a estratégia de persuasão é indireta e, muitas vezes, não admitida [...]” (AMOSSY, 2011, p. 132), como, por exemplo, na notícia de jornal. Conforme explica Amossy (2011), nessa perspectiva, a estratégia de persuasão

---

<sup>6</sup> No original: “Toute parole est nécessairement argumentative. C’est un résultat concret de l’énonciation en situation” (PLANTIN, 1996, p. 18 – tradução própria).

aparece na verbalização que produz um discurso cujo objetivo declarado é outro e não o argumentativo: um discurso de informação, uma descrição, uma narração cuja vocação é contar o registro de uma experiência vivida em um diário de viagem ou diário, um testemunho que relata o que o sujeito viu, uma conversa familiar em que os parceiros jogam conversa fora sem a pretensão de fazer triunfar uma tese etc. Portanto, o que é importante é identificar e analisar a maneira como esses discursos destinados a, antes de tudo, informar, descrever, narrar, testemunhar, direcionam o olhar do alocutário para fazê-lo perceber as coisas de uma certa maneira (AMOSSY, 2011, p. 132).

Assim, para orientar os procedimentos de análise da argumentação no discurso, faz-se necessário estabelecer a perspectiva adotada, pois, a depender desta e do gênero textual/discursivo em questão, certas categorias de análise serão eleitas e outras não. A proposta deste trabalho é analisar uma notícia de jornal, ou seja, trata-se de um discurso que se pretende neutro, objetivo e informativo, logo, a perspectiva explorada é a da dimensão argumentativa.

Para tanto, além dos estudos de Plantin (1996) e Fiorin (2015), este artigo toma, como pressuposto teórico, os trabalhos de Mosca (2004) por esta pesquisadora, também, partir do princípio de que a argumentação está inserida em toda e qualquer atividade discursiva e por considerar o fato de que argumentar significa reconhecer o outro como capaz de reagir e interagir perante o posicionamento de ideias; e de Amossy (2011, p. 129), que assevera que “[...] mesmo a fala que não ambiciona convencer busca ainda exercer alguma influência, orientando modos de ver e de pensar”. A autora, ainda, expõe que a fala está relacionada a um lugar social e a instâncias institucionais. Para ela, a argumentação “depende das possibilidades da língua e das condições sociais e institucionais que determinam parcialmente o sujeito, fora dos quais a orientação ou a dimensão argumentativa do discurso não pode ser apreendida com discernimento”. (AMOSSY, 2007, p. 128).

Na Teoria da Argumentação do Discurso proposta por Ruth Amossy, a argumentação é entendida como

[a] tentativa de modificar, de reorientar, ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas da parte do alocutário. Essa é a definição que eu desenvolvi em *L'argumentation dans le discours* (2006 [2000]), ampliando a da nova retórica de Perelman, pela tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir. Essa ampliação permite à argumentação, tomada como

sinônimo de retórica ou de arte de persuadir, tratar do vasto leque de discursos, tanto os privados, quanto os públicos, que circulam no espaço contemporâneo, e reivindicar seu lugar nas Ciências da Linguagem sem, por isso, precisar, como sugere Patrick Charaudeau, recorrer à psicologia ou à psicologia social (AMOSSY, 2011, p. 13).

Como Amossy (2011) explica, a argumentação, nessa teoria, é tomada como sinônimo de retórica ou de arte de persuadir, conseqüentemente, “leva em conta a maneira como o *logos*, ou o emprego de argumentos em língua natural, alia-se, concretamente, ao *ethos*, a imagem de si que o orador projeta em seu discurso, e ao *pathos*, a emoção que ele quer suscitar no outro e que também deve ser construída discursivamente” (AMOSSY, 2011, p. 134).

Em sua “Retórica”, Aristóteles (1998), na ausência de provas factuais, define três espécies de provas artísticas de persuasão fornecidas pelo discurso: “umas residem no carácter moral do orador [*ethos*]; outras, no modo como se dispõe o ouvinte [*pathos*]; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar [*logos*]” (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

Das três provas retóricas (de persuasão ou argumentos) supracitadas, este trabalho tem por objetivo analisar a mobilização da segunda, o *pathos*. Esta prova refere-se às paixões, às emoções e aos sentimentos suscitados no auditório. É uma estratégia discursiva que visa a persuadir o alocutário.

O *pathos* incide diretamente sobre o auditório. Examinar suas características e conseqüências significa, para Aristóteles, ver o que pode tocar a afetividade, conhecer a natureza das emoções e o que as suscita, perguntar-se a quais sentimentos o alocutário é suscetível em virtude de seu *status*, de sua idade... Esse saber é necessário ao orador que quiser fazer uso da cólera, da indignação, da piedade como meio oratório. O termo *pathe*, plural de *pathos*, designa assim as emoções que um orador “tem interesse em conhecer para agir com eficácia sobre os espíritos” e que são “a cólera e a calma, a amizade e o ódio, o temor e a confiança, o pudor e a impudência, a gentileza, a piedade e a indignação, a cobiça, a emulação e o desprezo” (Patillon, 1990: 69 (*sic*)) (AMOSSY, 2020, p. 195).

A mobilização do *pathos* é uma estratégia discursiva utilizada em vários gêneros, inclusive, os da esfera jornalística para tentar persuadir o interlocutor. É possível encontrar o uso dessa estratégia em várias manchetes e notícias, por exemplo, uma vez que “[...] persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos

variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (ARISTÓTELES, 1998, p. 49).

Dessarte, o locutor busca a sensibilização de seu interlocutor por meio das marcas linguísticas, por meio da seleção lexical feita. Isto é, o locutor, no âmbito do gênero textual/discursivo em questão, realiza um trabalho linguístico para escolher, selecionar as palavras adequadas com o propósito de conseguir seus objetivos, porque “[...] por trás das palavras mais simples, das informações mais triviais, existe uma visão de mundo, um modo de ver as coisas, uma crença” (ANTUNES, 2003, p. 82). E, conforme defende Amossy (2011, p. 13), há uma “[...] tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir [...]”, então, o locutor, a partir de suas escolhas lexicais, busca suscitar emoções, sentimentos afins nos leitores para que estes possam aderir aos seus modos de pensar, de ver, de sentir.

Ainda sobre tal questão, “[...] todo ato de linguagem é, em alguma medida, um modo de agir, no sentido de que pretende alcançar certo efeito prático. A escolha dessa ou daquela palavra está na dependência de se conseguir esses efeitos” (ANTUNES, 2012, p. 43). O produtor do texto, ao usar determinada palavra em detrimento de outras, está se posicionando em relação à sua ideologia, pensamento, vontade, inclusive, pode indicar, expor pistas de sua classe social, nível cultural, de escolaridade dentre outras características.

O léxico configura-se como um dos elementos essenciais para que se possa “ler” fatos de história e cultura de determinada comunidade, pois é pelo uso da palavra que se revelam traços de cultura, identidade e visões de mundo, envolvendo “todo o universo da significação, o que inclui toda a nomenclatura e a interpretação da realidade” (BIDERMAN, 2001, p. 198. *apud* SANTOS *et al.*, 2014, p. 112).

Nesse sentido, os léxicos escolhidos expõem as visões de mundo do locutor, seu posicionamento, por conseguinte, as escolhas lexicais não são neutras, antes, são carregadas de intenções, de propósitos argumentativos. Por isso,

[...] pensar ‘nos efeitos decorrentes da escolha das palavras’ é reconhecer que, em um texto, uma palavra expressa mais que um sentido; ela serve também à expressão de uma intenção, de um propósito (às vezes, mais de um!), em função do que determinadas palavras (e não outras) são particularmente escolhidas (ANTUNES, 2012, p. 43).



Sendo assim, a depender dos objetivos, dos propósitos, dos efeitos de sentido que se quer alcançar, o locutor escolhe as palavras para tocar nas emoções, nos sentimentos de seus interlocutores. Ele busca envolvê-los, conquistá-los, persuadi-los, escrevendo/falando aquilo que eles gostariam de ler/ouvir. Por isso, “[...] qualquer argumentação, para ser eficaz, deve apoiar-se em teses admitidas pelo próprio auditório” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 325). Visto que o locutor constrói discursos para defender suas ideias, buscando o diálogo com seus interlocutores para convencê-los e/ou persuadi-los acerca da validade de suas teses, pensamentos, sentimentos e modos de ver o mundo. A seleção lexical, portanto, é baseada nos efeitos de sentido que o locutor almeja construir com o propósito de atingir os interlocutores e influenciá-los a pensar, a ver, a sentir, a agir como ele.

Posto isso, adiante, será apresentada a metodologia adotada e, a seguir, a análise de uma notícia, demonstrando como as pistas linguísticas podem ser exploradas, como a seleção lexical pode mobilizar o *pathos*, viabilizando os interlocutores a experienciarem certas emoções e, assim, convencê-los e/ou persuadi-los.

## **Metodologia**

No plano metodológico, realizou-se um trabalho de natureza qualitativa, pois, conforme a fundamentação teórica adotada, foi feita uma análise interpretativa de uma notícia. A notícia foi publicada no jornal “Diário de Pernambuco”, no dia 12 de junho de 2019, e expõe o caso da morte do menino Rhuan.

Assim, tomando por base que a argumentação está em todo e qualquer discurso (dimensão argumentativa), optou-se por se trabalhar com o gênero notícia, justamente, por ser considerado um gênero que apresenta um discurso caracteristicamente informacional, neutro e imparcial. No entanto, este trabalho parte da premissa de que não há imparcialidade nos textos jornalísticos, pois um jornalista acaba se posicionando, por exemplo, por meio das escolhas lexicais na construção do texto. Desse modo, o procedimento de análise foi diferente do utilizado em um texto cujas finalidades primeiras são convencer e persuadir e, portanto, apresenta argumentos formais, como um artigo de opinião, por exemplo.

Neste trabalho, o procedimento se deu pela análise dos elementos da linguagem considerando o contexto em que tais elementos se encontram, ou seja, não se buscou argumentos formais nem estratégias argumentativas de um discurso. Buscou-se “[...] estudar o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um efeito visado (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o efeito produzido” (CHARAUDEAU, 2010, p. 34).

Salienta-se que este artigo não tem por objetivo analisar o gênero textual/discursivo (notícia) nem a estrutura macrotextual, logo não há um enfoque nas partes da notícia: manchete, subtítulo, *lead* e parágrafos satélites. Na análise, a seguir, o título principal, em tamanho de fonte maior, é referido como manchete mesmo, os demais títulos, em tamanho de fonte menor e em negrito, são referidos como subtítulos e as outras partes como parágrafos simplesmente. O objetivo principal do trabalho é mostrar como a seleção lexical pode mobilizar o *pathos* a fim de convencer e/ou persuadir o interlocutor do texto. Convém acrescentar que a foto exposta na notícia não foi analisada, somente a linguagem verbal.

### **Análise e discussão dos dados**

A notícia a seguir é reproduzida, praticamente, em sua integralidade, somente a fotografia do menino Rhuan foi retirada.

## **Assassinato do menino Rhuan é roteiro de um filme de terror**

O assassinato do menino Rhuan Maycon, nove anos, é um dos casos mais chocantes da história de Brasília, um capítulo que não pode ser esquecido, nem tratado como apenas mais um inquérito policial.

O relato do delegado Guilherme Souza Melo e o laudo do perito médico-legista Christopher Diego Martins sobre o passo a passo do crime são o roteiro de um filme de terror.

O garoto teve uma vida de tortura e de maus-tratos constantes. Odiado pela mãe, Rosana Auri da Silva Cândido, 27, e pela companheira dela, Kacyla Priscyla Santiago, 28, a criança teve uma morte extremamente cruel e covarde.

**A partir de agora, só leia se tiver estômago**

Um ano antes do homicídio, Rhuan teve o pênis e os testículos removidos de forma artesanal, em casa, o que provocou sérias consequências.

A uretra se retraiu, formando uma fístula por onde saía a urina, apenas sob pressão. Assim, urinar tornou-se um suplício, um momento de extrema dor. Proibido pela mãe, ele não saía para brincar, ir à escola ou interagir com outros meninos.

A morte ocorreu dentro do próprio quarto. A primeira facada, no peito, desferida pela própria mãe, o pegou de surpresa, enquanto dormia. A seguir, foram outros 11 golpes nas costas. Rhuan foi decapitado quando ainda mantinha reações vitais. A mãe e a namorada começaram, então, o processo para ocultar o corpo.

Enquanto Rosana esquetejava o menino, Kacyla acendeu a churrasqueira. A mãe tentou arrancar os olhos da criança, mas não conseguiu.

Então, ela arrancou toda a pele do rosto do menino, da base do pescoço até o crânio. Como os tecidos não amoleciam, elas resolveram retirar as vísceras e esconder em duas mochilas infantis. Os detalhes são pavorosos.

### **Escândalo**

Para a Polícia Civil, as duas mulheres demonstraram ódio da figura masculina e total desprezo à criança.

Há uma suspeita de motivação religiosa, fanatismo, visões demoníacas. Testemunhas contaram que elas tinham um grande fervor religioso.

Em depoimento, o casal contou que o ódio a Rhuan decorre de o garoto ser fruto de um estupro. Mas essa teoria não se confirma com os fatos apurados. A história do pobre Rhuan é um escândalo.

Fonte:

<https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/brasil/2019/06/assassinat-o-do-menino-rhuan-e-roteiro-de-um-filme-de-terror.html>

Esta notícia escrita por Ana Maria Campos (2019), “Correio Braziliense”, no “Diário de Pernambuco”, tem a seguinte manchete: “Assassinato do menino Rhuan é roteiro de um filme de terror”.

Deveras, uma manchete é formulada com o intuito de chamar a atenção do leitor a fim de persuadi-lo a ler a notícia. E, na manchete desta notícia, a jornalista seleciona o sintagma “assassinato do menino”, que por si só já pode atrair as pessoas e despertá-las para ler todo o texto, visto que os temas trágicos costumam atrair, captar o leitor para a leitura. E, além disso, a escolha do léxico “menino” remete a uma pessoa menor de idade, a uma criança. Sendo assim, o uso desse sintagma pode suscitar sentimentos de ódio e revolta (*pathos*) contra as assassinas da criança e de

consternação pelo que o menino passou. Não há na manchete nenhuma menção a sentimentos, mas o texto contém uma tópica, pois está associado a uma situação que, na cultura ocidental, justifica determinadas emoções: assassinato, principalmente, de criança, como nesse caso. As crianças são inocentes, indefesas, o que já faz com que o leitor fique sensível ao que possa lhes acontecer. Ademais, a jornalista classifica o assassinato do menino Rhuan como “roteiro de um filme de terror”. Isto é, além de ela não aprovar o ocorrido, caracteriza-o como algo terrível, que causa pavor. Tal escolha reflete, nitidamente, o ponto de vista sobre o qual a jornalista (e, conseqüentemente, o jornal) constrói sua argumentação. Sua posição é, portanto, de indignação, é oposta a todo esse ato, assim como tem a certeza de que a de seus leitores também.

No primeiro parágrafo, após a manchete, a exposição da informação de que o menino tinha “nove anos” pode ter sido feita com o objetivo de tocar na emoção do leitor (*pathos*), pois essa quantificação mostra o quanto o menino era pequeno, sem condições de se defender e isso pode gerar mais revolta e indignação contra as responsáveis pelo crime e lamento e dor pelo Rhuan. E, ainda, o caso é classificado como um dos “mais chocantes da história de Brasília”. Tudo isso pode ir despertando a emoção dos leitores.

No terceiro parágrafo, a seleção dos termos “tortura” e “maus-tratos” para caracterizar a vida que a criança teve pode despertar os sentimentos de comiseração pela criança e raiva por quem a fez viver assim. Há, também, o uso do adjetivo “constantes” para marcar a frequência dos maus-tratos. O segundo período desse parágrafo é iniciado com uma forma participial, “odiada”. Esta é uma oração adjetiva reduzida de particípio que caracteriza a criança (que era odiada pela mãe) e, conseqüentemente, pode gerar sentimento de indignação nos leitores. E, ainda, há o uso dos adjetivos “cruel” e “covarde” para caracterizar a morte que a criança teve e do advérbio “extremamente” intensificando o emprego dos adjetivos. Tais usos ocasionam efeitos de sentido que podem sensibilizar os interlocutores.

Após, no subtítulo “A partir de agora, só leia se tiver estômago”, o uso da linguagem figurada “se tiver estômago” constitui um recurso a favor da argumentação de que o que ocorreu com o menino Rhuan é um “roteiro de um filme de terror”, é algo terrível. O emprego de figuras de linguagem, principalmente de metáfora (Assassinato do menino Rhuan é roteiro de um filme de terror), como há

nesta notícia, contribui para a produção de efeitos persuasivos. Em seguida, há uma sequência narrativa capaz de mobilizar os sentimentos do auditório em favor da “tese” (da ideia, do posicionamento) apresentada. Isto é, pode provocar o *pathos*, uma vez que as informações dadas podem gerar um efeito de indignação, cólera, revolta no leitor ao saber que um ser indefeso foi torturado e assassinado brutalmente, ademais, pela própria mãe.

Ao utilizar argumentativamente uma narrativa, o locutor serve-se quer da sua força explanatória, quer da sua força afetiva para ganhar a adesão do(s) alocutário(s) para as posições que sustentou anteriormente e que são narrativizadas através de episódios exemplificativos ou de episódios que testemunham, de uma forma veemente, o seu comprometimento com a tese que se pretende defender. Desta forma, a narrativa revela-se um potente instrumento de envolvimento (cf. Tannen, 1982) do(s) interlocutor(es) nas crenças e convicções que lhe deram origem. Ao ser convidado a “presenciar” eventos que estão diretamente relacionados com a tese defendida, o alocutário torna-se “testemunha” de acontecimentos que são recriados para ele, envolvendo-o como se de uma experiência pessoal se tratasse (MORAIS; BATORÉO, 2012, p. 160).

Assim sendo, ao relatar tudo o que as assassinas fizeram à criança, a jornalista serve-se de sua força afetiva, materializada nas escolhas lexicais, para persuadir, convencer, ganhar a adesão de seus leitores. Então, narrando, detalhadamente, as ações das autoras do crime, ela vai envolvendo os leitores no caso e eles tornam-se “testemunhas” do acontecimento recriado podendo, assim, desencadear neles algum estado emocional que os faça concordar com a jornalista.

A última parte da notícia pode gerar nos leitores sentimento de indignação pela questão do envolvimento religioso, por supostamente alegarem haver influências demoníacas. E por testemunharem que as assassinas tinham um grande fervor religioso, pois é difícil aceitar que alguém que tem um fervor religioso pode cometer uma barbárie desse tipo. Além disso, a informação de que o “[...] o ódio a Rhuan decorre de o garoto ser fruto de um estupro [...]” também pode gerar revolta, porque ainda que essa informação fosse verdadeira, a criança não teria nenhuma culpa neste crime de estupro, ou seja, a criança é a maior vítima por pagar com a vida por um crime que não cometeu.

Para finalizar, cabe destacar o emprego do adjetivo “pobre” em “A história do pobre Rhuan é um escândalo”. Esse emprego revela um determinado grau de

subjetividade e pode ocasionar certo efeito de sentido nos interlocutores. O emprego da palavra “pobre” não transmite simplesmente o significado de “uma pessoa sem recursos; necessitado”, mas, mais do que isso, transmite o significado de “uma pessoa que inspira comiseração”. De acordo com Fiorin (2012, p. 58), “[...] não há objetividade e neutralidade no discurso, porque, mesmo quando se cria um efeito de objetividade, o ponto de vista do sujeito vai estar marcado por substantivos, adjetivos, etc. O lugar enunciativo vai estar sempre assinalado”. A seleção “adequada”, “correta” faz toda diferença porque determinadas palavras, mais expressivas que outras, tendem a enfatizar o posicionamento, a intenção, a tese do locutor.

### Considerações finais

Partindo do pressuposto de que a argumentatividade é um aspecto constitutivo da linguagem humana, este trabalho teve por objetivo refletir sobre a importância da seleção lexical e mostrar como ela pode revelar o posicionamento do locutor e mobilizar o *pathos* a fim de convencer e/ou persuadir os interlocutores.

O presente trabalho permite constatar que a língua em uso não é neutra, que as palavras podem veicular valores que favorecem a sustentação de certos argumentos. Porque todo sujeito sofre interferência de uma história, de uma ideologia e de um contexto, isto é, são atravessados por discursos construídos sobre valores, que acabam sendo transmitidos em seus discursos, em seus textos. Assim, são as intenções dos sujeitos que os orientam a selecionar as palavras adequadas aos seus propósitos argumentativos.

Buscou-se, neste artigo, uma tentativa de assimilação das obras clássicas com as produzidas pela Análise do Discurso com a finalidade de aplicá-las em um texto de natureza midiática, uma notícia de jornal veiculada na *internet*.

Por intermédio da análise da notícia, pode-se constatar que, realmente, como defende Amossy (2011), a argumentação não se dá somente quando há adesão a uma tese (de modo formal), mas também a modos de pensar, de ver e de sentir, pois um discurso pode modificar, reorientar, ou mais simplesmente, reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão do interlocutor sobre determinado assunto. Na notícia analisada, a argumentação não se deu, como ocorre, por exemplo, em artigos

de opinião, pelo emprego de argumentos formais, simplesmente, mas foi sendo construída ao longo de todo o discurso. E, neste trabalho, buscou-se evidenciar a mobilização do *pathos*, que se deu pela seleção lexical, considerando os contextos linguístico, sociocultural e situacional nos quais os itens lexicais se encontram. Então, embora a notícia seja um gênero classificado como informativo, expositivo, que tem por objetivo principal relatar um acontecimento sem apresentar opinião, a seleção lexical pode apontar o posicionamento, a opinião do locutor e pode, também, mobilizar o *pathos* a fim de convencer e/ou persuadir os interlocutores. E isso evidencia a força e o direcionamento argumentativo do discurso.

## Referências

- ADAM, J. M. **Textos**: tipos e protótipos. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, R. **A argumentação no discurso**. São Paulo: Contexto, 2020.
- AMOSSY, R. O lugar da argumentação na análise do discurso: abordagens e desafios contemporâneos. Tradução de Adriana Zavaglia. **Filologia e linguística portuguesa**, São Paulo, n. 9, p. 121-146, 2007.
- AMOSSY, R. Argumentação e análise do discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Tradução Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n. 1, p. 129-144, nov. 2011.
- ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.
- ANTUNES, I. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012.
- ARISTÓTELES. Definição da retórica e de sua estrutura lógica. In: **Retórica**. Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1998. p. 48-58.
- CAMPOS, A. M. Assassinato do menino Rhuan é roteiro de um filme de terror. Correio Braziliense. **Diário de Pernambuco**. Disponível em: <http://www.impresso.diariodepernambuco.com.br> Acesso em: 22 de abr. de 2022.
- CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (Org.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado de Letras, 2010. v. 2. p. 23-56.
- FIORIN, J. L. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.
- FIORIN, J. L. Enunciação e comunicação. In: FIGARO, R. (Org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.
- GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.
- KOCH, I. G. V. **A argumentação pela linguagem**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

- PLANTIN, C. **A argumentação**: história, teorias, perspectivas. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2008.
- PLANTIN, C. **L'argumentation**. Paris: Seuil, 1996.
- PERELMAN, C; OLBRECHTS-TYTECA, L. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. Tradução de M. E. A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- MAINGUENEAU, D. Argumentação e Análise do Discurso: reflexões a partir da segunda Provincial. Tradução de Eduardo Lopes Piris; Moisés Olímpio Ferreira. In: BARONAS, Roberto Leiser; MIOTELLO, Valdemir (Orgs.) **Análise de Discurso**: teorizações e métodos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 69-86.
- MORAIS, A. J. B.; BATORÉO, H. J. Quando e porquê contamos uma história? Narrativa e argumentação: o caso das narrativas conversacionais. **Estudos Linguísticos/Linguistics Studies**, 8 Edições Colibri/CLUNL, Lisboa, 2012, pp. 151-162.
- MOSCA, L. S. (Org.). **Discurso, argumentação e produção de sentido**. São Paulo: Humanitas, 2006.
- MOSCA, L. S. **Retórica de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2004.
- MOURA, J. B.; MELLO, R. Construção e desconstrução de imagens no discurso da imprensa escrita piauiense. **Revista Gelne**, Natal/RN, v. 10, n. 1, p. 3-10. 2008.
- REBOUL, O. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- SANTOS, O.J; DAL CORNO, G.O.M. A toponímia da fronteira oeste do Rio Grande do Sul: aspectos linguístico-culturais. **Revista Trama**, v. 10, 2014.
- VALENTE, A. C. Léxico, texto e discurso na mídia e na literatura: a argumentação. In: Neusa Barbosa Bastos. (Org.). **Língua Portuguesa**: aspectos linguísticos culturais e identitários. 1ed.São Paulo: Neusa Barbosa Bastos/EDUC, 2012, p. 43-54.

Submetido em 31 de maio de 2022.

Aceito em 09 de agosto de 2022.